

Rio precipita jogo da sucessão municipal

Brigas de aliados e aproximação de ex-inimigos indicam realinhamento de forças para disputa de 2000

RIO – Sérgio Cabral Filho trocou o PSDB pelo PMDB; Cesar Maia ameaça virar tucano; o prefeito Luiz Paulo Conde investe pesado para ser o candidato do PFL à reeleição; o PDT, com problemas internos, poderá romper o acordo com o PT e lançar candidato próprio. A 18 meses do primeiro turno das eleições de 2000, as principais forças políticas do Estado já se preparam para enfrentar um pleito equilibrado, com pelo menos quatro candidatos fortes e com chances de decolar. A movimentação ameaça confundir os eleitores, que assistem a brigas de aliados e aproximação de ex-inimigos antes inconciliáveis.

“É o Oscar do cinismo político”, critica o deputado estadual Chico Alencar (PT), pré-candidato declarado à prefeitura. “Nesse campo, o Rio é hors concours; não tem para ninguém, é campeão.” O lance mais espetacular da movimentação dos políticos do Rio até agora ocorreu na semana passada, quando Maia anunciou uma aliança com o ex-governador Marcello Alencar (PSDB).

Autocrítica – O ex-prefeito, que constituía uma tendência pefelista dissidente, a Reconstrução-PFL (R-PFL), aposentou seis anos de críticas ao principal líder do PSDB fluminense, que, de ex-conductor de um governo “em estado terminal” – expressão de Maia –, virou aliado estratégico. “Fizemos uma autocrítica”, diz Maia, que não nega nem confirma uma candidatura à prefeitura. “Nossa divisão abriu espaço para a volta do populismo.”

Alencar – que já respondeu a

acusações de corrupção, feitas por Maia a seus filhos Marco Antônio e Marco Aurélio, insinuando que o ex-prefeito teria problemas mentais – mostrou-se satisfeito com a autocrítica do ex-adversário. “O Cesar fez um pouco a mea-culpa, reconhecendo que procurou isolar-se”, afirma o ex-governador. Ele mostrou não se incomodar com a aliança feita com um ex-adversário que o criticava tão duramente, mas não dá como certo o apoio a Maia para concorrer à prefeitura. “É muito cedo para definir isso; temos bons nomes, como Luiz Paulo Corrêa da Rocha e Ronaldo Cezar Coelho.”

A movimentação do ex-prefeito em direção ao PSDB tem raízes na campanha passada, quando, como candidato a governador pelo PFL, perdeu a disputa para Anthony Garotinho (PDT). Maia avalia que errou ao conduzir sua propaganda por um veio muito conservador, com um discurso em que chegou a dizer que usaria creolina para limpar as calçadas onde dormem os miseráveis e sem-teto – o que o isolou à direita do espectro político. Tentou, em janeiro, assumir o controle do processo sucessório na capital, quando, em reunião com Conde, avisou que pretendia escolher os membros do diretório.

Não o conseguiu, provocou uma “intervenção branca” da cúpula nacional (que impôs um diretório dividido entre os dois) e passou a atacar o novo presidente da legenda, deputado Rubem Medina, indicado como neutro, mas, para Maia, secretamente um “condista”. Na sexta-feira, a crise aprofundou-se: Medina, após 13 dias no comando, anunciou que desistia

da pacificação e punha o cargo à disposição da executiva do partido. “Não vou permitir que o Cesar me use para criar fato político”, ataca. Na véspera, ele discutira na Câmara com Rodrigo Maia, filho do ex-prefeito.

Concorrente óbvio à reeleição, Conde mudou de estratégia. Inicialmente, queria ser sagrado candidato já este ano, mas aceitou deixar a decisão para abril de 2000, conforme foi imposto pela cúpula nacional pefelista. O prefeito, que evita falar de sucessão, investe numa administração eleita como de continuidade da de Maia e ainda sem marca própria. “É muito cedo”, diz a líder do governo na Câmara Municipal, Rosa Fernandes, condenando a precipitação do debate sucessório. Apesar disso, seu grupo já promove filiações em massa. Na semana da convenção de 6 de março, encaminhou mais de 7 mil novas adesões ao PFL.

Força – Entre os políticos do Rio, há consenso de que Maia seria um candidato forte, embora alguns suspeitem que ele pode estar falando sério quando diz que está de olho em 2002 (eleição para governo do Estado), não em 2000. Nesse caso, poderia apoiar Corrêa da Rocha ou Coelho no ano que vem, para derrotar Conde e preparar uma candidatura forte, com perfil mais ao centro, ao Palácio Guanabara.

Também é consensual que o ex-tucano Cabral Filho, deputado estadual mais votado do País em 1998, com mais de 340 mil votos, desponta como um dos mais fortes postulantes à prefeitura. Presidente da As-

sembléia, Cabral Filho, após dez anos de PSDB, foi para o PMDB no dia 15 com 11 outros deputados estaduais, em festa de que participaram o presidente nacional do partido, senador Jáder Barbalho (PA), e outros líderes peemedebistas. Ele diz que não é candidato ainda, já que sua prioridade é reorganizar o partido na cidade – tarefa que recebeu do principal chefe político do PMDB no Estado, ex-deputado Moreira Franco, que espera tirar a agremiação do ostracismo que vive desde que deixou o Palácio Guanabara, em 1991.

Trânsito – O mais novo peemedebista do Estado é visto como candidato potencialmente forte porque, além do forte esquema político da Casa, que ultrapassa fronteiras partidárias e ideológicas, tem bom trânsito em setores com tradição nos bastidores da cena política fluminense. Como o representado pelo deputado Jorge Picciani (PMDB), primeiro-secretário da Assembléia, muito ligado a Cabral Filho e identificado com a defesa dos empresários de ônibus, financiadores de campanhas no Rio há décadas.

No fim de 1998, depois de quase quatro anos de atuação conjunta com Alencar, Cabral Filho rompeu com o governador, após a derrota do PSDB nas urnas. Como no caso da aliança Maia-Alencar, uma mudança radical: o presidente da Assembléia foi eleito para o cargo com apoio do chefe do Executivo e garantiu a aprovação de quase todos os projetos de interesse do Estado na Casa. (W.T.)

NEM
INTERVENÇÃO
CONSEGUIU
PACIFICAR PFL